

Perceção acústica de palavras homógrafas e parónimas: um estudo exploratório com alunos chineses de PLE

Acoustic perception of homographs and paronyms: an exploratory study with Chinese students of PFL

Zhao Mengjie

DLC, Universidade de Aveiro
zhaomengjie@ua.pt

Sara Pita

DLC, Universidade de Aveiro
saratopete@ua.pt
ORCID: 0000-0001-8429-4189

RESUMO

A perceção dos sons de algumas palavras homógrafas e parónimas (Dubois, 1993) pode ter implicações na interpretação da mensagem e na própria escrita de alunos de Português como Língua Estrangeira. O estudo exploratório aqui apresentado visava investigar os sons mais problemáticos nos homógrafos e parónimos e o eventual impacto do (não) reconhecimento de certos sons na escrita a partir da aplicação de um teste de perceção de discriminação e outro de grafia (totalizando 78 palavras em análise), a 64 alunos chineses a frequentar Cursos Superiores de Língua Portuguesa em Portugal. As palavras homógrafas usadas integravam uma tipologia proposta pela autora com base no "Dicionário de homónimos e parónimos" de Barbosa (1987), dividida em três categorias: pares com (a) diferentes classes gramaticais, (b) a mesma classe gramatical e (c) acentos diferentes. Relativamente às palavras parónimas, as tipologias de Bolshakov (2003) e Popescu (2019), aplicadas ao português, serviram de referencial teórico. Os dados obtidos revelaram dificuldades na distinção dos sons *-r/-l-*, *-l/-u-*, *-e/-i-*, *-um/-om-*, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE

Perceção acústica, palavras homógrafas, palavras parónimas, PLE, estudo exploratório, estudantes chineses.

ABSTRACT

The perception of the sounds of some homographs and paronyms (Dubois, 1993) may have implications for the interpretation of the message as well as in the way a Foreign Language student writes Portuguese. The present exploratory study aims to investigate the most problematic sounds in homographs and paronyms and the possible impact of the (non) recognition of certain sounds in writing, based on the use of a discrimination perception test and a spelling test (78 words under analysis in total), administered to 64 Chinese students attending Higher Courses of Portuguese Language in Portugal. The homographs used were part of a typology proposed by the author based on Barbosa's "Dictionary of homonyms and paronyms" (1987), divided into three categories: pairs with (a) different grammatical classes, (b) the same grammatical class and (c) different accents. Regarding paronymous words, the typologies of Bolshakov (2003) and Popescu (2019), applied to Portuguese, served as a theoretical framework. The data obtained revealed that students have difficulty distinguishing mainly the sounds *-r/-l-*, *-l/-u-*, *-e/-i-*, *-um/-om-*, *en/-in-*, among others.

KEYWORDS

Acoustic perception, homographs, paronyms, Portuguese as a Foreign Language, exploratory study, Chinese students.

1. Introdução

As palavras estabelecem relações entre si, não só a nível formal, mas também em relação ao som e à grafia. Neste âmbito, incluem-se os fenómenos da homografia e paronímia, estudados no presente trabalho. O primeiro abrange as palavras que possuem a forma igual na grafia, mas apresentam som e significados diferentes (Duarte, 2000). Por seu turno, a paronímia refere a relação das palavras similares na fonética e na grafia, mas com significados diferentes (Câmara Jr., 1991; Nicola & Infante, 1993; Ferreira, 1999; Löbner, 2013; etc.).

Devido às semelhanças do som e da grafia, estas palavras compõem um campo problemático para aprendentes de Português como Língua Estrangeira, causando ambiguidade lexical. Especialmente para alunos chineses, a dificuldade aumenta devido à distância linguística entre idiomas, já que o Mandarim, com um sistema de escrita ideográfico, é marcado por caracteres monossilábicos e por recorrer à tonalidade de estrutura fonológica. Esta situação acarreta consequências quer ao nível da compreensão do oral, já que a não identificação da palavra pronunciada pode influir na interpretação dos outros termos que com ela se relacionam (Fiorin, 2003), quer da escrita, pois, como indica Sim-Sim (2006, p. 63), “a mestria da oralidade afeta indubitavelmente o domínio da escrita”. Atendendo a que muitos destes estudantes pretendem aplicar a Língua Portuguesa profissionalmente, torna-se fundamental obter dados mais concretos sobre as questões mais problemáticas para este público.

Numa primeira fase deste trabalho, esclarecer-se-ão os conceitos-chave, nomeadamente homografia (e com ele obrigatoriamente a distinção entre homonímia total e parcial) e paronímia. Em seguida, indicar-se-ão categorias para classificação de palavras homógrafas e parónimas, a partir do levantamento das palavras inseridas no “Dicionário de homónimos e parónimos” de Barbosa (1987). Uma vez constituído o suporte teórico, apresentar-se-á o estudo exploratório desenvolvido, que envolveu a aplicação de um inquérito por questionário a 64 alunos chineses, com o objetivo de identificar as dificuldades de reconhecimento das palavras parónimas e homógrafas, bem como os sons mais difíceis.

2. Homografia e paronímia

As relações formais e semânticas entre palavras constituem uma dificuldade para a aprendizagem de Português como Língua Estrangeira, sobretudo em estágios iniciais da aprendizagem, quando a consciência fonológica ainda não está

totalmente desenvolvida. Ter a capacidade de reconhecer e manipular os sons é fundamental para o processo de distinção das palavras homógrafas e parónimas, ao qual se junta a capacidade de identificação do sentido de cada palavra.

Em termos conceptuais, a **homografia** integra, juntamente com a homofonia, o campo da homonímia parcial, já que a correspondência formal apenas se dá no domínio da grafia ou do som, respetivamente (Bechara, 2009). Para Duarte (2000), a homografia é a relação entre lexemas que possuem forma igual na grafia, mas apresentam som e significados diferentes. Estes lexemas podem diferenciar-se devido ao som de algumas vogais (a) ou à acentuação esdrúxula ou grave da palavra, o que culmina na alteração da sua classe morfológica (b).

Exemplos:

- (a) corte (ato ou efeito de cortar) vs. corte (residência de um monarca); besta (animal) vs. besta (arma de arremesso)
- (b) cópia (n.) vs. copia (vb.); número (n.) vs. numero (vb.)

Por seu turno, a **paronímia** descreve a relação das palavras parónimas que são similares na fonética e na grafia, mas com significados diferentes (Câmara Jr., 1991; Nicola & Infante, 1993; Ferreira, 1999; Löbner, 2013; etc.). Devido às semelhanças do som e da grafia, estas palavras compõem um campo problemático, visto que o fenómeno linguístico das palavras homógrafas e parónimas tem a ver com fatores como a variação da fonética da grafia, das semelhanças fonéticas ao pronunciar uma sequência de letras e do reconhecimento das sílabas átonas.

Exemplo: cavaleiro (n.) vs. cavalheiro (n.)

2.1. Uma potencial taxinomia das palavras homógrafas

Para o estudo, considerou-se necessário definir categorias de análise das palavras homógrafas que imprimissem maior rigor aos resultados, devido à não existência de uma taxinomia de suporte. Nesse sentido, concebeu-se uma classificação, com base nos lexemas contidos no “Dicionário de homónimos e parónimos” de Barbosa (1987). Importa referir que a escolha deste livro produzido no Brasil deve-se ao facto de não existir um documento análogo em Português Europeu.

A taxinomia proposta resulta de um cruzamento entre dados morfológicos e fonéticos, nomeadamente uso diferenciado de vogais orais semifechadas /e/ e

/o/ e vogais orais semiabertas /ɛ/ e /ɔ/. Divide-se em três categorias organizadas por ordem de frequência:

1. pares pertencentes a diferentes classes gramaticais;
2. pares pertencentes à mesma classe gramatical;
3. “pares falsos” que diferem quanto à existência do acento.

1.ª Categoria: pares pertencentes a diferentes classes gramaticais¹

As palavras constantes das próximas tabelas pertencem a classes gramaticais distintas. Na primeira, destacam-se os exemplares com as categorias morfológicas *nome* e *verbo*.

Tabela 1 – Homógrafas pertencentes a classes gramaticais diferentes: caso particular Nome Vs Verbo

	/o/	/ɔ/	/e/	/ɛ/
Nome Masculino Singular vs. Verbos na 1.ª P. do Presente Indicativo	Nós já assinamos o <i>acordo</i> .	Eu <i>acordo</i> às 8 horas.	Ele deu-me um <i>aceno</i> para eu passar.	Eu <i>aceno</i> um adeus quando partir.
Nome Feminino Singular vs. Verbo na 3.ª P. do Presente Indicativo	Ele tem muita <i>força</i> .	Ele <i>força</i> -me a correr.	Está ali a <i>cerca</i> de arame.	A corda <i>cerca</i> a árvore.
Nome Masculino Singular vs. Verbo no Infinitivo Pessoal	—	—	Come a sopa com a <i>colher</i> .	Está na altura de <i>colher</i> as cerejas.
Nome vs. Verbo no Imperativo	Visitei a <i>torre</i> de Belém.	<i>Torre</i> o pão, por favor.	Não <i>meta</i> a roupa em cima de cama.	Ele chegou à <i>meta</i> .
Nome Masculino vs. Verbo no Pretérito Perfeito	—	—	Já <i>leste</i> o livro?	A China fica a <i>leste</i> .

¹ Para mais exemplos, consulte o documento “O domínio das palavras homógrafas e parónimas: um estudo com alunos chineses”, de Zhao Mengjie disponível no Repositório Institucional da Universidade de Aveiro (<https://ria.ua.pt/>).

Na próxima tabela, incluem-se as palavras homógrafas que têm variações relativamente às vogais previamente mencionadas e que pertencem a classes gramaticais diferentes.

Tabela 2 – Homógrafas pertencentes a classes gramaticais diferentes

	/o/	/ɔ/	/e/	/ɛ/
Preposição + Determinante Demonstrativos vs. Verbo no Pretérito Imperfeito do Conjuntivo	—	—	Tirei o livro <i>desse</i> monte.	Se me <i>desse</i> a oportunidade, agradecia.
Preposição + Determinante Demonstrativos vs. Verbo no Pretérito Perfeito	—	—	O projeto é <i>deste</i> género.	Já me <i>deste</i> a almofada?
Preposição vs. Verbo no Presente Conjuntivo	A audição é <i>sobre</i> um acidente.	Espero que a comida <i>sobre</i> .	—	—
Adjetivo vs. Nome	A saia está <i>rota</i> .	A nova <i>rota</i> aérea já está aplicada.	Esta página está <i>pegada</i> .	Eu segui as <i>pegadas</i> dele.
Nome vs. Determinante Demonstrativo	—	—	<i>Este</i> carro não é meu.	Hoje o vento vem de <i>Este</i> .

2.ª Categoria: pares pertencentes à mesma classe gramatical

Tabela 3 – Homógrafas pertencentes à mesma classe gramatical

	/o/	/ɔ/	/e/	/ɛ/
Nome vs. Nome	Gosto da <i>cor</i> vermelha.	Eu sei a tabuada de <i>cor</i> .	Estou com muita <i>sede</i> .	A <i>sede</i> é em Lisboa.
Verbo vs. Verbo	—	—	Vou <i>pregar</i> um prego na parede.	Ele vem <i>pregar</i> um sermão.

3.ª Categoria: pares “falsos” que diferem quanto à acentuação

Tabela 4 – Homógrafas falsas (com / sem acentuação)

	com acento	sem acento
Nome vs. Verbo	Hoje vem cá um <i>crítico</i> (n.) gastronómico.	Eu nunca <i>critico</i> (vb.) sem razão.
	A <i>distância</i> (n.) que nos separa é imensa.	A criança nunca se <i>distancia</i> (vb.) dos pais.

A distinção e a produção dos sons certos das palavras homógrafas é um tema bastante complexo, uma vez que a variação vocálica depende de informações morfofossintáticas na maioria dos casos. Porém, a distinção pela variação das vogais não se resolve sempre com a consideração da classe gramatical, visto que existem pares de homógrafas que diferem na pronúncia, embora pertençam à mesma categoria gramatical (ex.: “sede” com o fonema /e/ e /ɛ/). Nesses casos, o critério semântico é essencial para determinar a pronúncia apropriada face ao contexto.

2.2. Classificação das palavras parónimas

O fenómeno das palavras parónimas é também complexo nos aspetos léxico-semântico, fonético e gráfico, devido à possibilidade de se confundirem as grafias das palavras com formas fonéticas similares. Embora alguns prontuários e dicionários deem atenção a este tipo de relação de palavras e ofereçam exemplos, a utilização incorreta destes itens ainda ocorre, talvez em virtude de o reconhecimento das palavras parónimas pela audição ser um desafio para os alunos.

Como as palavras parónimas diferem entre si tanto na fonética, quanto na forma, é possível construir classificações. De entre as classificações já existentes (Bolshakov, 2003; Popescu, 2019), foram selecionadas neste estudo as que se adaptam ao português. Começemos, em primeiro lugar, pela classificação das palavras parónimas verdadeiras:

Tabela 5 – Categorias para classificação de parónimas verdadeiras

Categorias	Palavras (e significados)
adição proclítica de uma vogal, consoante ou ditongo	conselho (opinião que se emite sobre o que convém fazer) costumar (ter costume ou hábito de) aconselho (dar um conselho) acostumar (ter o costume de)
inserção de uma vogal, um ditongo ou uma consoante	acético (relativo ao vinagre) vultoso(que faz vulto) ascético (austero, monacal) vultoso (face em que os lábios estão excessivamente vermelhos e inchados, os olhos salientes e mais ou menos congestionados)

categorias	Palavras (e significados)		
Com fonemas vocais ou consoantes (não) correlativas	-r- / -l-	absorver (sorver) dirigente (que dirige, gere)	absolver (perdoar, inocentar) diligente (aplicado, eficiente)
	e- / i-	emergir (vir à tona) emigrar (deixar um país)	imersir (mergulhar) imigrar (entrar num país)
	e- / in-	evocar (recordar) evasão (ato ou efeito de evadir)	invocar (trazer) invasão (ato ou efeito de invadir)
	en- / in-	enfestar (dobrar ao meio) enformar (colocar em forma)	infestar (invadir) informar (avisar)
Com fonemas vocais ou consoantes (não) correlativas	de- / di-	deferir (atender) delatar (denunciar)	diferir (distinguir-se, divergir) dilar (alargar)
	-e- / -i-	branqueado (tornado branco) revezar (alternar)	branquiado (tem brânquias ou guelras) revisar(revisar)
	-e- / -a-	degredado (desterrado, exilado) retificar (corrigir)	degradado (estragado, rebaixado, aviltado) ratificar (confirmar)
	-e- / -o-	ponche (tipo de bebida) apóstrofe (figura de linguagem)	poncho (um tipo de vestimenta) apóstrofo (sinal gráfico)
	-l- / -u-	calção (calça que desce até à coxa ou joelho) calda (mistura mais ou menos xaroposa de água com açúcar obtida por fervura)	caução (valor aceite como garantia do cumprimento de uma obrigação) cauda (apêndice posterior, mais ou menos longo, no corpo de alguns animais)
	-l-/ -lh-	perfilar (traçar o perfil de) cavaleiro (que anda a cavalo)	perflhar (assumir legalmente a paternidade de) cavalheiro (homem de boas ações e sentimentos nobres)
	Consoante surda/sonora	mandato (missão; encargo) espavorido (apavorado)	mandado (adj. que recebeu ou recebe ordens; n. ato ou efeito de mandar) esbaforido (ofegante, apressado)

Tabela 6 – Parónimas morfélicas com diferentes prefixos

Parónimas morfélicas com diferentes prefixos	Palavras (significado)	
Pre- / pro-	prescrever (receitar) preferir (dar preferência a)	proscriver (exilar por sentença ou voto escrito) proferir (enunciar)
Des- / dis-	discriminar (tirar a culpa a; legalizar) destorcer (desfazer a torcedura; endireitar)	discriminar (distinguir) distorcer (desvirtuar)

3. Metodologia do estudo exploratório

As palavras parónimas e homógrafas, por tudo o exposto, colocam dificuldades aos aprendentes não nativos de português, nomeadamente aos alunos provenientes da China. Para identificar com maior precisão os tipos de palavras mais difíceis para este público, procedeu-se à criação de um inquérito que visou:

- a) identificar os sons mais difíceis por meio de exercícios de audição e compreensão do oral;
- b) identificar as dificuldades no reconhecimento de palavras parónimas e homógrafas na escrita.

O inquérito realizado, de autoria própria, integrava, para além de algumas questões iniciais sobre a amostra, exercícios de escrita e um teste de perceção. Os exercícios de escrita diziam respeito à seleção de palavras adequadas conforme o som indicado (exercício 2) ou o contexto (exercícios 3 e 4). Por um lado, procurava-se verificar se o (não) reconhecimento de dado som acarretava implicações na escrita (exercícios 2 e 3), por outro lado, se os aprendentes reconheciam o significado das palavras e as conseguiam aplicar corretamente (exercício 4), através de uma *check-box*. Este último teste estava intrinsecamente relacionado com o teste auditivo, uma vez que as palavras utilizadas eram as mesmas.

O teste de perceção, especificamente de discriminação, era composto por 13 estímulos, num total de 52 palavras homófonas e parónimas. Neste, os respondentes tinham de selecionar duas palavras de entre quatro opções dadas, por exemplo, flagrante, inflação, fragrante, infração.

Os estímulos do teste foram criados integralmente pela investigadora, de modo a permitir o uso de palavras identificadas previamente no enquadramento teórico. Como tal, correspondem a estímulos artificiais que tinham como objetivo responder às necessidades de investigação delineados no início do trabalho. A gravação dos vários enunciados foi realizada por um falante nativo português, residente na zona de Aveiro, com formação académica superior e com idade compreendida entre 20 a 25 anos. Os estímulos foram gravados sem recurso a um laboratório, utilizando algumas ferramentas disponíveis online. A fim de verificar a fiabilidade da gravação, foi realizado um pré-teste com alguns estudantes chineses de Língua Portuguesa.

Os respondentes tinham cerca de três minutos para a realização do exercício, correspondente à duração da gravação, e foi solicitado que não parassem a

gravação e só repetissem três vezes a audição. Contudo, como o teste foi realizado online através da plataforma chinesa wjx.cn, por razões pandémicas, não foi possível controlar o ambiente, nomeadamente o número de repetições ou as pausas efetuadas, o que pode ter alterado alguns resultados.

Este instrumento foi distribuído por 64 alunos chineses, em julho de 2020, que frequentavam à data cursos de Língua Portuguesa. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do inquérito e assinaram uma declaração de consentimento para tratamento dos dados. A maioria dos participantes tinha entre 20 e 26 anos de idade, o que significa que a maioria ainda estava em processo de aprendizagem da língua portuguesa à data do estudo. Dos participantes, três eram bilingues (mandarim e português). Optou-se pela manutenção destes no estudo, pois em termos práticos o mandarim era dominante no seu quotidiano, embora frequentassem o sistema educativo português há mais anos do que os restantes inquiridos. Além disso, considerou-se que poderia ser um fator importante de diferenciação de resultados, que espoletaria futuras investigações. Os inquiridos tinham um nível de proficiência da Língua Portuguesa que se situava entre o B1 e o C1, resultante de um período de aprendizagem de cerca de 4 anos. De ressaltar que a maioria dos inquiridos decidiu aprender a Língua Portuguesa por questões laborais.

4. Resultados alcançados

4.1. Teste de percepção

No teste de percepção foram mobilizadas as seguintes palavras para análise dos respetivos sons (em transcrição ortográfica):

Tabela 7 – Relação entre termos em análise e som

Alínea	Palavras	Som em análise
1.	Fragrante, flagrante; infração, inflação	<i>r/l</i>
2.	Calção, caução; alto, auto	<i>l/u</i>
3.	Delatar, dilatar; descrição, discricção	<i>De-/di-</i>
4.	Autuar, atuar; aferir, auferir	<i>Com/sem ditongo decrescente</i>
5.	Invocar, evocar; invadir, evadir	<i>in-/e-</i>
6.	Prescrito, proscrito; procedente, precedente	<i>pro-/pre-</i>
7.	Revisar, revezar; tráfego, tráfico	<i>e/i</i>

Alínea	Palavras	Som em análise
8.	Vultoso, vultuoso; florescente, fluorescente	<i>Com/sem ditongo crescente</i>
9.	Comprimento, cumprimento; comprido, cumprido	<i>-um-/om-</i>
10.	Infestar, enfeitar; informar, enformar	<i>en-/in-</i>
11.	Dotar, adotar; aconselho, conselho	<i>Adição proclítica de uma vogal</i>
12.	Emenda, ementa; mandado, mandato	<i>Consoante surda/sonora</i>
13.	Ratificar, retificar; degredado, degradado	<i>-e-/a-</i>

O panorama geral do desempenho dos inquiridos mostra que a maioria dos sons constitui um obstáculo, uma vez que apenas cinco alíneas estão acima dos 50%.

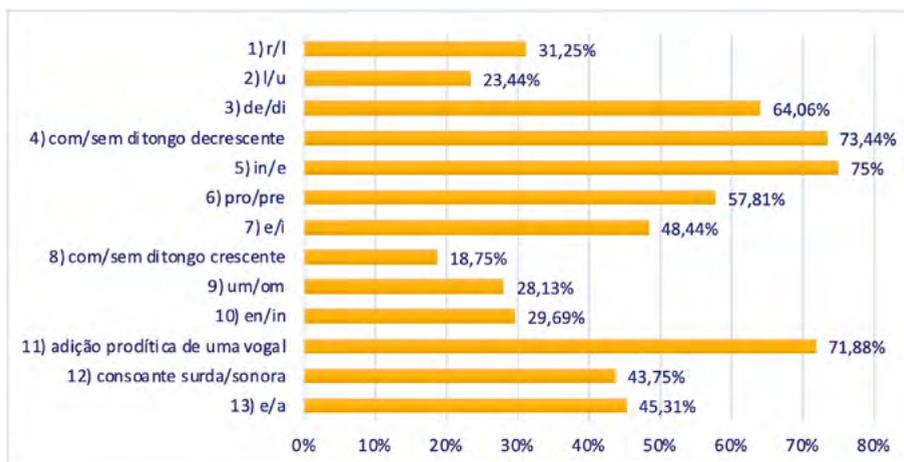


Gráfico 1 – Resultados obtidos no exercício 1

Observando os dados, constata-se que as palavras *com/sem ditongo decrescente*, *in-/e-* e *adição proclítica de uma vogal* não são problemáticas, pois as taxas de acerto superam os 70%, e alguns sons, como *pro-/pre-* e *de-/di-*, apresentam valores médios. No espectro oposto, encontram-se as palavras *com/sem ditongo crescente*, que regista uma taxa de acerto de apenas 18,75%.

As palavras que graficamente apresentam *r/l*, *l/u*, *-e-/i-*, *-um-/om-*, *en-/in-*, *consoante surda/sonora*, *-e-/a-* revelam-se também bastante difíceis. Relativamente às vogais *-e-/o-* do prefixo *pre-/pro-*, observa-se que confundem os alunos chineses no caso de ficarem nas sílabas átonas em que o som [i], [e] e [o]

respetivamente, se aproxima na maneira de ser produzido: [i] e [e] são centrais e [o] é recuado quanto à região de articulação da cavidade bucal; quanto ao grau de abertura da boca, que determina o timbre das vogais, [i] é fechado, [e] é entre aberta e semiaberta e [o] é semifechado. Em suma, as vogais que constituem dificuldades para os alunos têm características comuns ou diferenciam-se muito pouco no processo de produção das mesmas. O mesmo acontece nas vogais nasais [ũ]/[õ] e [ẽ]/[ĩ]: os dois pares têm características comuns na região de articulação, sendo que [ũ]/[õ] são recuadas e [ẽ]/[ĩ] são anteriores; mas diferem apenas no timbre, pois [ũ] e [ĩ] são fechadas enquanto [õ] e [ẽ] são semifechadas.

Relativamente aos sons de -al- e-au-, quando a letra “l” fica no fim de uma sílaba ou no fim de palavra é pronunciada como [ɫ]. Porém a coincidência do encontro com a letra “a” apresenta a semelhança com o ditongo -au-. Neste ponto, importa mencionar que a capacidade de distinguir este som está intrinsecamente relacionada com a forma como o mesmo é pronunciado, já que alguns falantes nativos, dependendo da região de proveniência, pronunciam como o ditongo [aw].

Para além das vogais, os alunos ainda têm dificuldades nas palavras parónimas que diferem nas consoantes r/l, ambas orais alveolares/apicoalveolares quanto ao ponto de articulação, mas, quanto ao modo de articulação, o /l/ é lateral enquanto o /r/ é vibrante. Essa única diferença na produção dos sons talvez não seja suficiente para que os alunos chineses a consigam reconhecer.

Os pares parónimos que incluem surdas e sonoras também se revelam difíceis para os alunos chineses, pois a diferença reside na existência de vibração das cordas vocais na produção. Ademais, quando as consoantes surdas são seguidas por vogais, a sonorização dos consoantes torna-se possível por causa dessa conexão.

Quanto à vogal inserida que não forma semivogal com conexão com outra vogal próxima é muito possivelmente ignorada pelos ouvintes, em virtude de ser pronunciada de forma breve, singular e pouco nítida.

Por fim, nos casos com/sem ditongo decrescente e da adição proclítica de uma vogal, os resultados positivos advêm do facto de a pronúncia dos termos utilizados ser claramente distinta.

4.2. Teste de grafia

A escrita, enquanto representação do oral, está intimamente ligada à própria linguagem oral, o que implica que a mestria da oralidade afeta indubitavelmente o domínio da escrita. (Sim-Sim, 2006, p. 63)

Partindo desta premissa, considerou-se necessário avaliar o impacto do conhecimento grafo-fonético sobre a escrita, através da aplicação de alguns exercícios de escrita.

O **exercício 2** visa analisar a competência dos participantes na identificação da palavra correta em função da pronúncia indicada. Para tal, formularam-se as seguintes questões:

Alínea 1. *A(s) frase(s) com a vogal oral semiaberta [ɔ] da letra O sublinhada na palavra a negrito é(são):*

- A. Eu **acordo** todos os dias às 8 horas.
- B. O **jogo** das escondidas é popular.
- C. Eu **jogo** com as oportunidades.
- D. Eu fiz um **acordo** com o meu banco.

Alínea 2. *A(s) frase(s) com a vogal oral semifechada [ô] da letra O sublinhada na palavra a negrito é(são):*

- A. Ele tem muita **força**.
- B. O povo sofreu grandes **cortes** nos subsídios.
- C. O William foi educado pelo rei na **corte** real.
- D. O meu pai **força**-me a lavar as mãos.

Alínea 3. *A(s) frase(s) com a vogal oral semifechada [ê] da letra E sublinhada na palavra a negrito é(são):*

- A. A **sede** da empresa é em Lisboa.
- B. Vou **colher** milho com a família.
- C. Eu uso a **colher** para comer sopa.
- D. Tenho **sede**.

Alínea 4. *A(s) frase(s) com a vogal oral semiaberta [ɛ] da letra E sublinhada na palavra a negrito é(são):*

- A. **Este** questionário é grande.
- B. O negócio deu-me grande **interesse**.

- C. Quanto custa? Não é que me **interesse** o preço.
- D. A montanha fica a **este** de Aveiro.

Os resultados obtidos são insatisfatórios, com taxas de acerto inferiores a 20%. Apesar de estes dados revelarem dificuldades em distinguir os sons semiabertos e semifechados, não se pode descartar totalmente a possibilidade de os inquiridos não identificarem o símbolo fonético usado no enunciado. Não obstante esta salvaguarda, especula-se que a realidade observada se deva aos seguintes fatores:

- a) Desconhecimento da existência da pronúncia diferenciada das vogais;
- b) Desconhecimento do próprio conceito de palavras homógrafas “verdadeiras”, que poderia fornecer um suporte teórico que auxiliasse a resolução do exercício;
- c) Não reconhecimento da regularidade das palavras homógrafas “verdadeiras”, nomeadamente do facto de a pronúncia das vogais “e” e “o” do radical variar entre semifechada e semiaberta de acordo com o contexto em que estão inseridas;
- d) Dificuldade na distinção dos sons corretos mesmo com o auxílio de informações morfossintáticas e semânticas.

Parece, portanto, que os respondentes não possuem, nesta fase, uma visão holística da língua, que lhes permita recorrer a elementos de outros componentes quando um está em défice; em concreto, de recorrer ao contexto da frase ou ao significado e à função que determinado lexema assume no seu interior, para determinar o som em questão. Considerando que muitos destes participantes pretendem usar a língua como ferramenta de trabalho (como intérpretes ou tradutores), justifica-se um estudo mais aprofundado destes fenómenos.

No seguimento do anterior, o **exercício 3** resulta da necessidade de compreender as debilidades dos inquiridos na combinação som-grafia-conteúdo semântico. Nesse sentido, aplicou-se um teste para seleção de homógrafas que diferem na acentuação, tendo sido dadas as seguintes hipóteses:

- 3.1. A Ana trabalha numa empresa que _____ carros. *Fabrica ou Fábrica?*
- 3.2. Ontem à noite ela passou na _____ do chefe. *Secretaria ou Secretária?*
- 3.3. A Ana _____ que possa continua a trabalhar lá. *Dúvida ou duvida?*

3.4. Ela ficou aliviada porque o chefe renovou o contrato e deu-lhe uma _____. *Cópia ou copia?*

Como se pode observar pelo próximo gráfico, a maioria dos inquiridos acertou nas alíneas 3.1), 3.3) e 3.4). Contudo, na pergunta 3.2), quase metade apresentou dificuldades. Conclui-se, assim, que a identificação e a aplicação das palavras homógrafas que diferem ao nível da acentuação não é uma tarefa complicada.

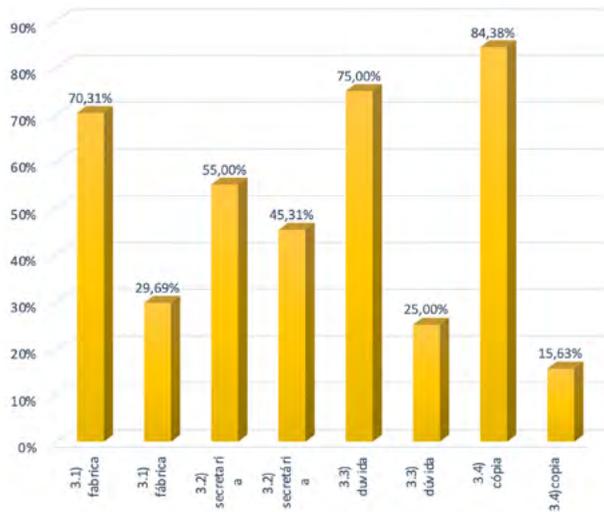


Gráfico 2 – Resultados do exercício 2 (homógrafas falsas)

Importa fazer uma menção à alínea 3.2, que, aparentemente, coloca mais dificuldades devido ao facto de os dois lexemas pertencerem à mesma classe gramatical. Embora se trate de lexemas frequentes e conhecidos dos participantes do estudo, isso pode, como indica Duran et al. (2015), potenciar a ocorrência de erros ortográficos, contrariamente ao que se poderia pensar.

Quando uma forma acentuada é muito frequente, ela tende a apresentar um número de formas com erros ortográficos, sem acento, que são confundidas com as formas corretas não acentuadas dos falsos homógrafos, inflando a frequência destas últimas. (Duran et al., 2015, p. 270)

O último **exercício (4)** tem como objetivo proceder à correta seleção das palavras parónimas inseridas no contexto de frases, sob a premissa de que o

conhecimento da pronúncia destas palavras auxilia na tomada de decisão relativamente à opção adequada. O exercício é composto por 13 perguntas, com 13 tipologias e 26 frases.

Exemplo: 4.1. O prazo já estava _____. A médica _____ o medicamento para o paciente.

A. *proscrito* ✓ B. *prescrito* C. *prescreveu* ✓ D. *proscreeveu*

A próxima tabela apresenta a relação entre a tipologia das palavras parónimas e os vocábulos utilizados durante o exercício.

Tabela 8 – Relação entre categorias de parónimas e termos em análise

Alínea	Grafia das palavras parónimas	Vocábulos
4.1.	pro- / pre-	Proscrito / prescrito Proscreeveu / prescreveu
4.2.	de- / di-	Delatou / dilatou Descrição / discrição
4.3.	-r- /-l-	Fragrante / flagrante Infringir / infligir
4.4.	-um-/-om-	Cumprimento / comprimento Cumprido / comprido
4.5	Consoante surda / sonora	Mandato / mandado Ementa / emenda
4.6.	-e- / -a-	Retificar / ratificar Degredado / degradado
4.7.	e- / i-	Emigrem / imigrem Eminência / iminência
4.8.	-e- / -i-	Tráfego / tráfico Inquerir / inquirir
4.9.	in- / en-	Infestou / enfestou Informem / enformem
4.10.	-l-/-u-	Calção / caução
4.11.	in- / e-	Instância / estância
4.12.	Ditongo decrescente	Vultoso / Vultuoso
4.13.	Adição proclítica de uma vogal	Dotou / adotou

Como ilustrado pelo gráfico 3, os inquiridos revelaram muitas dificuldades em distinguir todos os tipos de parónimas em geral, pois as taxas de acerto são inferiores a 50%.

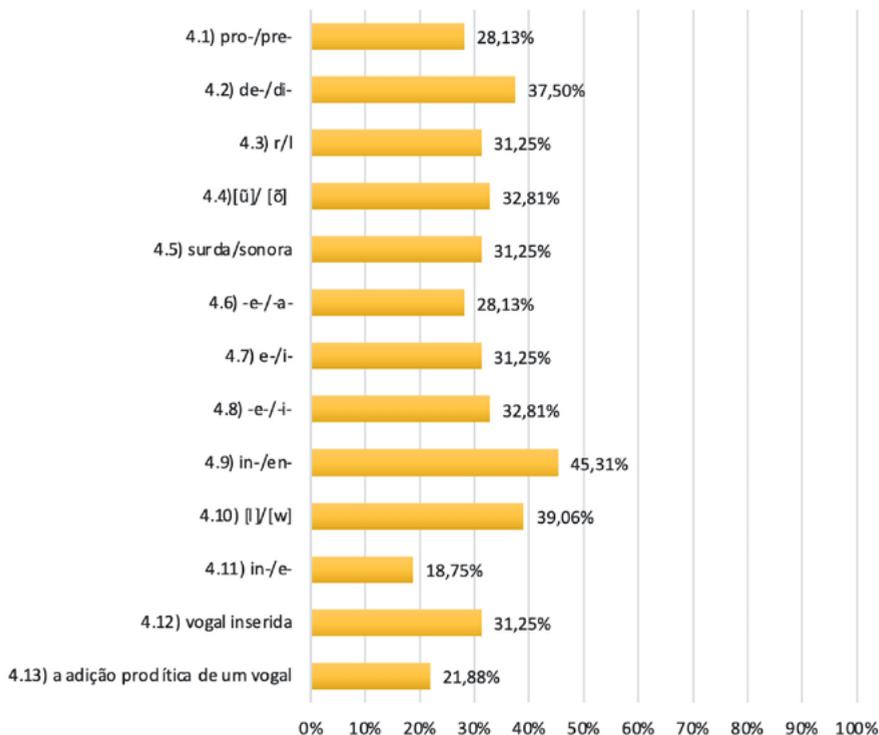


Gráfico 3 – Resultados alcançados no exercício para distinção de parónimas

Ao analisar o gráfico precedente, constata-se que as situações mais problemáticas incluíam as palavras parónimas com *in-/e-* (a), *adição proclítica de uma vogal* (b), *pro-/pre-* (c) e *-e/-a-* (d).

(a) Ele *dotou* / *adotou* os seus guerreiros de novos equipamentos.

Pouco a pouco, *acostumei-me* / *costumei-me* ao frio no planalto.

(b) O prazo já estava *proscrito* / *prescrito*.

A médica *prescreveu* / *proscreeveu* o medicamento para o paciente.

(c) A Sílvia não gosta de bonecos porque acha que *invocam* / *evocam* espíritos. Voltar para a China era a última *instância* / *estância* para sobreviver.

(d) As novas medidas a *retificar* / *ratificar* o acerto das votações no Congresso Nacional. Ele foi *degredado* / *degradado* por ter falhado nas negociações com o fornecedor do material.

Como se observa pela leitura das hipóteses, os termos em uso enquadram-se num registo de língua mais cuidado e formal, com o qual os participantes estão pouco familiarizados. Tal significa que muitas destas palavras são totalmente desconhecidas, quer gráfica, quer foneticamente. Ademais, a semelhança entre as palavras suscita incerteza e dúvida nos participantes, tanto mais quando as palavras são mencionadas simultaneamente, o que também pode ter originado os valores apresentados. Assim, considera-se pertinente realizar um novo teste, após fornecer o significado das palavras menos conhecidas aos participantes, para verificar se os resultados se mantêm.

Contudo, considera-se que estes dados são interessantes quando se procede ao seu cruzamento com o exercício 1 do teste auditivo, de onde se destacam alguns casos.

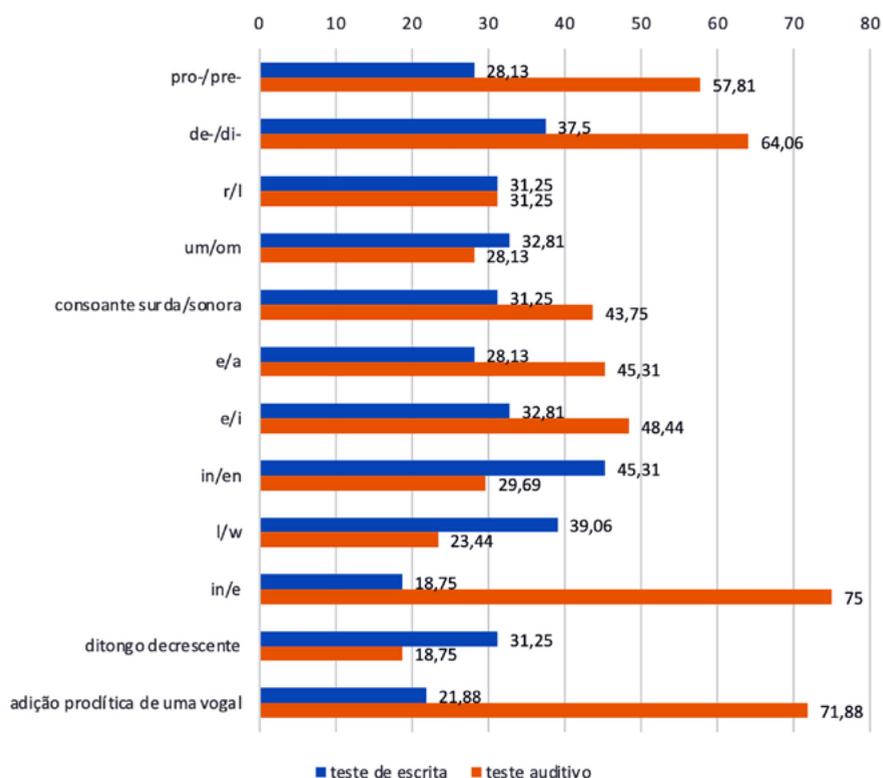


Gráfico 4 – Confronto entre teste auditivo e teste escrito

No caso das palavras parónimas com *adição proclítica de uma vogal*, a percentagem de acerto no teste auditivo é consideravelmente superior ao de escrita, o que significa que os alunos conseguem ouvir a vogal -a-, mas não conseguem identificar o termo ortograficamente adequado ao contexto. Isto permite concluir que o conhecimento lexical não acompanha o reconhecimento fonológico.

Pelo contrário, na questão que implica o uso (ou não) de *ditongo decrescente* (ex.: vultoso e vultuoso), os inquiridos foram capazes de selecionar a opção correta no teste escrito, mas incapazes de reconhecer o som, pois a vogal pode ter sido produzida como semivogal, formando um ditongo crescente.

Em relação ao par *in-/e-*, apesar de serem capazes de distinguir os sons, esse facto não os ajudou na seleção do termo correto no exercício 4, possivelmente porque não reconheciam o significado das palavras.

No campo oposto, encontram-se as palavras parónimas com *l/w* e *in-/en-*, as quais apresentam melhores resultados no teste de escrita. Esta situação pode dever-se a dois fatores: em primeiro lugar, as palavras a uso são mais familiares para os inquiridos, reconhecendo o seu significado no exercício de escrita; em segundo lugar, devido à proximidade dos sons, no teste auditivo os inquiridos não foram capazes de as diferenciar. Como referido anteriormente, no caso de -al-, por se encontrar no fim de sílaba (ex.: calção/caução e alto/auto), assume um som próximo ao ditongo -au-, tornando-se difícil para os estrangeiros. Em *in-/en-*, a dificuldade reside na identificação do timbre das vogais, já que [i] é fechada e [ẽ] é semifechada, e no facto de poder existir a junção com a palavra anterior no momento de produção, o que também pode influenciar os resultados.

Estes resultados revelam que é absolutamente imprescindível fomentar um conhecimento holístico da língua, promovendo o conhecimento fonológico, ortográfico e semântico, pois todos trabalham, metaforicamente, como uma orquestra afinada.

Conclusões

O presente trabalho revela que os alunos chineses apresentam dificuldades acústicas e cometem desvios ortográficos com homógrafas e parónimas. A partir da análise dos dados, considera-se que estes fenómenos podem ter origem no domínio incompleto dos sons/fonemas, repercutindo-se quer no âmbito da produção/interação oral, quer da compreensão oral, quer da escrita, uma vez que

o “*escrevente recorre sobretudo à estratégia fonológica*” (Frith, 1980, como citado em Sousa, 1999, p. 56).

Como estes alunos, por se encontrarem em pleno processo de aprendizagem, não possuem um vasto conhecimento lexical que lhes permita mitigar as dúvidas que as palavras homógrafas e parónimas colocam, é fundamental trabalhar estas questões com mais profundidade em contexto escolar. Convém ainda relembrar que os inquiridos pertencem a um sistema linguístico totalmente diferente, o que significa que não lhes é possível estabelecer um paralelismo com os sons da sua Língua Materna (Munro & Bohn, 2007).

Os resultados permitem identificar alguns sons problemáticos, como o *ditongo decrescente* ou *l/u*, e outros que não colocam grandes entraves, como o *ditongo crescente* ou *in-/e-*. Não obstante estes dados, considera-se que este estudo exploratório é, claramente, insuficiente face ao extenso volume de estudantes chineses de Português, pelo que se entende que no futuro seria importante conduzir alguns estudos, a saber:

- a) Alargar os testes a mais alunos chineses, de vários níveis, de modo a obter informações sobre o impacto do tempo de estudo na distinção dos sons, e em ambientes distintos, nomeadamente em imersão, de modo a verificar se o local de estudo influencia os resultados;
- b) Estender estes estudos ao longo de alguns anos, a fim de observar se o tempo de contacto com a língua tem influência nos resultados.

Em suma, espera-se que este trabalho suscite o interesse dos docentes sobre estes fenómenos, levando-os a considerar dar uma maior ênfase a estes aspetos na sua lecionação, e dos investigadores, para que continuem a recolher informações pertinentes e úteis para o ensino da Língua Portuguesa para Estrangeiros.

Referências bibliográficas

- Barbosa, O. (1987). *Dicionário de Homônimos e Parônimos*. Brasília: Thesaurus.
- Bechara, E. (2009). *Moderna Gramática Portuguesa*. (37.ª edição). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bolshakov, I. A., & Gelbukh, A. (2003). Paronyms for Accelerated Correction of Semantic Errors. *International Journal “Information Theories & Applications,”* 10(2), 1–7. <http://sci-gems.math.bas.bg:8080/jspui/bitstream/10525/936/1/ijita10-2-p13.pdf>
- Câmara Jr., J. M. (1991). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa – Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Dubois, J. (1993). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix.
- Duran, M. S., Avanço, L. V., Nunces, M. G. V. (2015). A Importância dos Falsos Homógrafos para a Correção Automática de Erros Ortográficos em Português. *Proceedings of Symposium in Information and Human Language Technology*. Natal, RN, Brazil, November 4–7, pp. 265-273.
- Ferreira, A. B. de H. (1999). *Novo Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa: Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fiorin, J. L. (2003). *Introdução à Linguística I – Objetos Teóricos*. São Paulo: Contexto.
- Löbner, S. (2013). *Understanding semantics*. Nova Iorque: Routledge.
- Munro, M. J., & Bohn, O.-S. (2007). The study of second language speech. *Language Experience in Second Language Speech Learning. In Honor of James Emil Flege*, 3–11. <https://doi.org/10.1075/llt.17.06mun>
- Nicola, J., & Infante, U. (1993). *Gramática contemporânea da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione.
- Popescu, F. (2019). Paronyms and Other Confusables and the ESP Translation Practice. *Analele Universității Ovidius Din Constanța. Seria Filologie*, 30 (1), 220–232. https://www.researchgate.net/publication/329428635_Paronyms_and_Other_Confusables_and_the_ESP_Translation_Practice
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e Ensinar a Ler*. Lisboa: Edições Asa.
- Sousa, Ó. (1999). *Competência Ortográfica e Competências Linguísticas*. Lisboa: ISPA.